

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



UMA

NOIVA

REBELDE

4

OS ROKESBYS

ARQUEIRO

UMA
NOIVA
REBELDE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

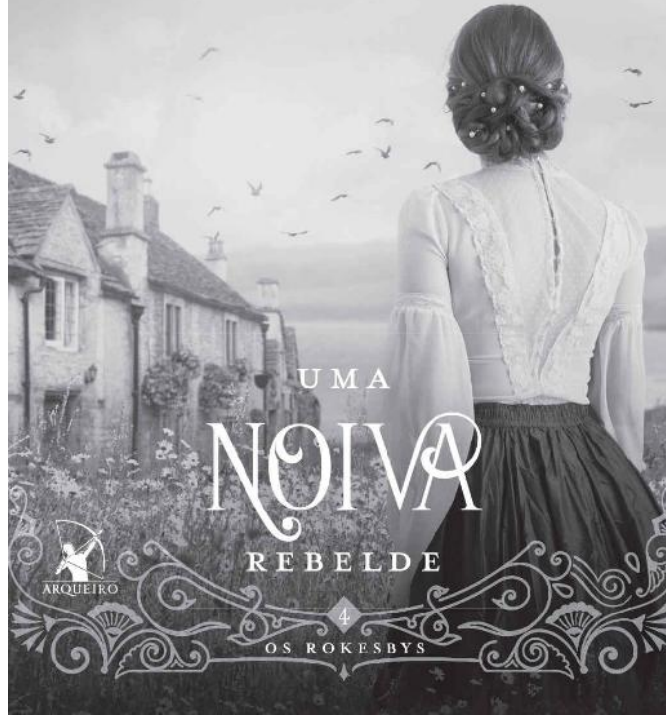
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Julia Quinn



UMA

NOIVA

REBELDE



ARQUEIRO

4

OS ROKESBYS

Título original: *First Comes Scandal*

Copyright © 2020 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Hermínia Totti e Rafaella Lemos

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: Victoria Davies/Trevillion Images

foto da autora: Roberto Filho

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64n

Quinn, Julia, 1970-

Uma noiva rebelde [recurso eletrônico] / Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva.
- 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital (Os Rokesbys; 4)

Tradução de: First comes scandal
Sequência de: Um cavalheiro a bordo
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-009-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

20-64406

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Abi e seu ano de determinação,
garra e resistência.*

*E também para Paul.
É ótimo ter um médico na família,
mas ter você é muito melhor.*

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

CAPÍTULO 1

Kent, Inglaterra

1791

Pelo menos ninguém tinha morrido.

Mas, se não era isso, Nicholas Rokesby não fazia a menor ideia do porquê de ter sido convocado de volta à casa da família, em Kent.

Se alguém tivesse morrido, pensou ele, o pai com certeza teria mencionado o fato na mensagem enviada para Nicholas em Edimburgo. O recado fora levado por um mensageiro expresso, de modo que deveria haver certa urgência na questão, mas, se fosse caso de morte, lorde Manston certamente teria escrito algo mais do que apenas:

Favor retornar a Crake com a maior brevidade.
Sua mãe e eu temos um assunto urgente para tratar.
Sinto muito por interromper seus estudos.
Com afeto, seu pai,
Manston

Nicholas fitou o tão familiar dossel de árvores e iniciou o trecho final de sua jornada. Tinha viajado de Edimburgo para Londres na diligência postal, de Londres para Maidstone de coche e agora concluía os últimos 25 quilômetros a cavalo.

Finalmente tinha estiado – graças ao bom Deus –, mas os cascos da montaria ainda levantavam uma quantidade impressionante de lama e, em

meio a respingos e pólen, Nicholas sentiu que chegaria a Crake parecendo um paciente com impetigo.

Crake. Menos de dois quilômetros de distância.

Um banho quente, um bom prato de comida, e então descobriria, enfim, o que deixara o pai tão impaciente.

Era bom que fosse algo bem sério. Não uma morte, é claro, mas se, no fim das contas, tivesse atravessado dois países apenas para descobrir que um dos irmãos ia ganhar uma comenda do rei, arrancaria o braço de alguém.

E sabia muito bem como fazê-lo. Era requisito básico que todos os estudantes de medicina assistissem a cirurgias sempre que houvesse oportunidade. Não era a parte do currículo preferida de Nicholas; ele gostava mais dos aspectos intelectuais da medicina – avaliar sintomas e resolver os enigmas sempre surpreendentes que levam a um diagnóstico. Mas já estavam quase na virada para o século XIX e era importante saber amputar um membro. Muitas vezes era a única arma de um médico contra infecções. O que não podia ser curado ainda podia ser amputado.

Contudo era melhor curar.

Não, melhor mesmo era prevenir. Impedir um problema antes que ele começasse.

Quando enfim avistou Crake, Nicholas revirou os olhos. Algo lhe dizia que o problema que o trouxera de volta a Kent, fosse qual fosse, já devia estar em uma fase bem avançada.

E é claro que os irmãos não ganhariam comenda alguma. Os três eram cavalheiros exemplares, mas *francamente...*

Pôs o cavalo em um trote mais lento ao chegar à última curva do caminho que levava à casa. As árvores sumiram de sua visão periférica e, de repente, lá estava o seu lar, uma construção grandiosa e sólida de dois séculos e meio, uma deusa de calcário emergindo do seio da terra. Ele nunca deixava de se impressionar com o fato de que uma casa tão imensa e ornamentada pudesse ficar tão bem escondida entre as folhagens, desvelando-se apenas no último instante. Era um tanto poético que ainda se surpreendesse com algo que sempre fizera parte de sua vida.

As rosas da mãe estavam em pleno desabrochar, tons vivos de vermelho e magenta, do jeito que a família gostava. À medida que se aproximava, Nicholas sentia no ar úmido o aroma cada vez mais forte das flores, espalhando-se levemente por cima das roupas até chegar às narinas. Nunca gostara muito do cheiro das rosas (preferia flores menos cheias de frescura), mas em momentos como aquele, tudo convergia com perfeição: as rosas e a névoa, a umidade da terra...

Ele estava em casa.

Não importava que não tivesse intenção de voltar, ao menos não tão cedo.

Aquele era seu lar e ele estava de volta. Sentiu certa paz de espírito com essa constatação, mesmo que a cabeça fervilhasse de ansiedade pensando em que tipo de desastre poderia tê-lo convocado.

A família devia ter avisado os criados sobre sua chegada, porque já havia um laçao à espera para pegar a montaria e Wheelock abriu a porta antes mesmo que Nicholas pisasse no primeiro degrau.

– Sr. Nicholas – disse o mordomo. – Seu pai gostaria de vê-lo imediatamente.

Aludindo aos trajes respingados de lama, Nicholas retrucou:

– Com certeza ele vai preferir que antes eu...

– Ele disse imediatamente, senhor. – Wheelock inclinou o rosto de forma quase imperceptível, indicando os fundos da casa. – Ele está com lady Manston no salão verde-e-dourado.

Nicholas franziu a testa, confuso.

A família dele era menos formal do que era costume, ainda mais quando estavam ali, no campo, mas Nicholas jamais teria cogitado que sua sobrecasaca respingada de lama poderia ser considerada apropriada para a sala de visitas preferida da mãe.

– Permita-me – disse Wheelock, oferecendo-se para tirar a casaca, com seu talento sobrenatural para ler a mente das pessoas.

Nicholas deu uma olhada nas botas.

– Perdão, senhor, mas eu iria logo – insistiu Wheelock.

Céus, talvez alguém tivesse morrido, afinal.

– Sabe do que se trata? – perguntou Nicholas, deixando que Wheelock tirasse o casaco de seus ombros.

– Não devo dizer.

Nicholas olhou para o criado por cima do ombro.

– Mas então você *sabe*.

– *Senhor*, por favor. – Wheelock assumiu um semblante apavorado.

– Em menos de um mês eu já estaria de volta – atalhou Nicholas, continuando a argumentar.

Wheelock evitou o olhar dele e, muito ostensivamente, se pôs a escovar a casaca para tirar a lama seca.

– Creio que seja uma questão urgente – declarou.

Nicholas coçou os olhos. Por Deus, como estava cansado.

– O senhor gosta de ser assim tão enigmático, Wheelock?

– Não, senhor.

O que era uma mentira deslavada, porque ele adorava aquele tipo muito específico de circunspeção, reservado apenas aos mordomos muito bem consolidados em seu cargo. Mas Nicholas notou que Wheelock não devia estar gostando nem um pouco daquela conversa.

– Queira me desculpar – disse Nicholas. – Foi rude da minha parte colocá-lo nessa posição. Não precisa me anunciar.

– Verde-e-dourado – lembrou Wheelock.

– Entendido – murmurou Nicholas.

Como se ele fosse esquecer.

A entrada do salão verde-e-dourado ficava no fim do corredor, e o caminho de Nicholas até lá com certeza já havia denunciado sua presença em casa. O assoalho era de mármore, sempre polido à perfeição. Pés calçados com meias deslizavam como patins no gelo e as solas dos sapatos faziam barulho como a percussão de uma pequena orquestra.

Mas, ao chegar à porta aberta e espiar lá dentro, nem o pai nem a mãe sequer olharam na direção dele. O pai estava perto da janela, fitando o gramado verde; a mãe estava no sofá verde-menta, acomodada em seu lugar preferido.

Segundo ela, o lado esquerdo era muito mais confortável que o direito. Todos os cinco filhos já tinham colocado a hipótese à prova, saltando de um lugar para o outro, mas nenhum tinha conseguido chegar à mesma conclusão. Justiça fosse feita, não chegaram a *nenhuma* conclusão confiável. Mary declarara que ambos os lados eram iguais, Edward observara que a única forma de ficar confortável de fato seria apoiando os pés em algum lugar, o que não era permitido, e Andrew pulara tantas vezes de um lado para o outro que acabara rasgando a costura de uma das almofadas do assento. George declarara que todo aquele experimento era ridículo, mas não sem antes fazer, ele mesmo, um teste perfunctório, e quanto a Nicholas...

Ele não tinha nem 5 anos quando esse experimento familiar se deu. Mesmo assim, sentou-se nos dois lugares antes de se levantar e declarar: “Bem, não há como comprovar que ela está errada.”

Depois ele se daria conta de que a afirmação valeria para uma grande parte da vida.

Provar que algo estava certo não era bem a mesma coisa que provar que o oposto estava errado.

E se o lado esquerdo do sofá deixava a mãe feliz, quem era ele para contradizê-la?

Nicholas hesitou um instante à porta, esperando que um dos dois notasse sua presença.

Como isso não aconteceu, ele entrou, detendo-se antes de pisar no tapete. Já tinha deixado um rastro de lama no corredor.

Quando pigarreou, os dois enfim se viraram para ele.

A mãe falou primeiro.

– Nicholas. – Ela estendeu o braço na direção do filho. – Você chegou, graças a Deus!

Preocupado, ele olhou da mãe para o pai.

– Aconteceu alguma coisa?

Que pergunta cretina. Mas é claro que alguma coisa tinha acontecido. Mas como não havia ninguém em trajes de luto...

– Sente-se – disse o pai, apontando para o sofá.

Nicholas acomodou-se ao lado da mãe, tomando a mão dela. Parecera a coisa certa a fazer.

Porém, surpreendendo-o, ela puxou a mão de volta e se levantou, dizendo:

– Vou deixar vocês a sós. – Pôs a mão no ombro de Nicholas, sinalizando que ele não precisava se levantar. – Vai ser mais fácil se eu não estiver aqui.

Como assim? Havia um problema com o qual eles precisavam lidar e a mãe *não* estava tentando tomar a liderança? Pior, estava saindo de cena por vontade própria?

Aquilo não era nem um pouco normal.

– Obrigada por ter vindo tão rápido – murmurou ela, dando um beijo na bochecha do filho. – Não tenho palavras para expressar quanto isso me tranquiliza. – Olhou então para o marido. – Estarei em meus aposentos, caso precise que eu...

E pareceu não saber o que dizer. Nicholas nunca vira a mãe tão sem jeito.

– Caso precise de mim – completou ela, enfim.

Lady Manston saiu da sala de visitas e fechou a porta, acompanhada pelo olhar silencioso e um tanto atônito do filho. Nicholas voltou-se então para o pai.

– O que está *acontecendo*?

O pai suspirou e ficou um longo tempo em silêncio antes de dizer:

– Houve um incidente.

Sempre o rei dos eufemismos.

– Acho bom você pegar uma bebida.

– Sim, senhor.

Nicholas não queria beber. Queria explicações. Para não contrariar o pai, no entanto, serviu-se de uma dose.

– É sobre Georgiana.

– Bridgerton? – perguntou Nicholas, incrédulo.

Como se houvesse alguma outra Georgiana a quem o pai pudesse estar se referindo.

Lorde Manston aquiesceu, soturno.

– Então você ainda não ficou sabendo.

– Eu estava em Edimburgo – lembrou Nicholas.

O pai tomou um gole de conhaque bem mais generoso do que seria aceitável àquela hora do dia.

Ou mesmo da noite, para ser sincero.

– Bem, isso é um alívio.

– Com todo o respeito, pai, o senhor poderia ser menos enigmático?

– Aconteceu um incidente.

– Continua enigmático – resmungou Nicholas.

Se o pai ouviu – e, para ser sincero, Nicholas achou mesmo que tivesse ouvido –, não esboçou a menor reação.

Em vez disso, pigarreou e disse:

– Ela foi sequestrada.

– O quê? – Nicholas ficou de pé em um salto, deixando o copo de conhaque deslizar e cair no tapete de valor inestimável. – Por que raios o senhor não disse logo? Meu Deus, alguém já...

– Acalme-se – falou o pai, ríspido. – Ela já está de volta. Está tudo bem com ela.

– Ela foi...

– Ela não foi violada.

Nicholas percebeu que uma sensação estranha percorria seu corpo. Alívio, provavelmente, mas também havia algo mais. Algo acre e azedo.

Ele conhecia mulheres que tinham sido vítimas de atos sexuais não consensuais. Algo mudava dentro delas depois disso. Havia os efeitos físicos, e desses ele até entendia um pouco, mas os efeitos na alma... esses ele sabia que não conseguiria sequer vislumbrar.

A sensação naquele momento era mais intensa do que mero alívio. Tinha dentes afiados e trazia junto uma raiva que fervia a fogo brando.

Georgiana Bridgerton era como uma irmã para ele.

Bem, talvez não exatamente uma irmã. Mas o irmão dela, Edmund, era mais próximo até do que seus próprios irmãos.

Quando Nicholas foi concebido, lorde e lady Manston achavam que já não teriam mais filhos. Aconteceu oito anos depois da gestação anterior de

lady Manston, de modo que, quando Nicholas enfim saiu das fraldas, todos os irmãos já estavam na escola.

Mas Edmund Bridgerton sempre estivera presente, a poucos quilômetros de casa, em Aubrey Hall. Tinham a mesma idade, com apenas dois meses de diferença.

Cresceram inseparáveis.

– O que aconteceu? – perguntou Nicholas ao pai.

– Um maldito caçador de fortunas foi atrás dela – respondeu o pai, com raiva. – O filho de Nithercott.

– Freddie Oakes? – perguntou Nicholas, bastante surpreso.

Tinha frequentado a escola com Freddie. Durante alguns anos, ao menos. Oakes não tinha concluído os estudos. Era um sujeito popular, carismático e exímio jogador de críquete, mas, no fim das contas, a única coisa pior que ser reprovado era colar nas provas, e ele fora expulso de Eton aos 16 anos.

– Isso mesmo – murmurou lorde Manston. – Você o conhece.

– Superficialmente. Nunca fomos amigos.

– Não?

– Bem, não éramos *inimigos* – esclareceu Nicholas. – Todo mundo se dava bem com Freddie Oakes.

Lorde Manston olhou atravessado para o filho.

– Está defendendo Oakes?

– Não – apressou-se em dizer Nicholas, embora, sem conhecer os fatos, não tivesse a menor ideia do que realmente tinha acontecido. Ainda assim, era difícil conceber um cenário em que Georgiana tivesse sido a parte culpada. – Só estou comentando que ele sempre foi muito popular – prosseguiu. – Não era uma pessoa *má*, mas convinha não se indispor com ele.

– Então ele era um valentão.

– Não.

Nicholas coçou os olhos. Maldição, como estava cansado. E era quase impossível explicar a intrincada hierarquia social da escola para alguém que não tivesse estado lá.

– É só que... Eu não sei. Como disse, não éramos amigos. Ele era... frívolo, acho.

O pai lhe lançou um olhar curioso.

– Ou talvez não. Eu não saberia dizer, para ser sincero. Minhas conversas com ele se restringiam ao cardápio do café da manhã e quem iria voltar para casa durante o recesso. – Nicholas ficou um longo tempo esquadrinhando as lembranças dos tempos de escola. – Ele jogava bastante críquete.

– Você também jogava críquete.

– Nada bem.

O pai nem sequer esboçou uma reação, o que só indicava quanto estava preocupado. Aos olhos do conde de Manston, seus quatro filhos tinham saído à sua imagem e semelhança – esplêndidos atletas que reinavam nos campos de Eton.

Só estava 25 por cento enganado.

Nicholas não era um atleta incompetente. Muito pelo contrário, era exímio esgrimista e superava qualquer um dos irmãos tanto no rifle quanto no arco. Mas, em um campo com uma bola (de qualquer natureza) e outros jogadores, ele era um desastre. Saber a própria posição em relação ao grupo era uma habilidade. Ou talvez fosse instinto. O que quer que fosse, lhe faltava.

Ele era horrível em todos os jogos com bola. Suas piores lembranças da escola vinham todas de dentro de um campo. A sensação de ser observado e julgado inferior... A única coisa pior do que isso era ter que esperar durante a seleção dos times. Os garotos não demoraram muito para entender quem era bom de bola.

E quem não era.

Com os estudos fora a mesma coisa, refletiu ele. Já nos primeiros meses em Eton, todos sabiam que Nicholas tinha as melhores notas em ciências. Até mesmo Freddie Oakes vinha lhe pedir ajuda de tempos em tempos.

Nicholas se ajoelhou para enfim pegar o copo que tinha derrubado. Olhou-o por alguns instantes, tentando decidir se aquele momento pedia lucidez ou um leve torpor.

Talvez fosse melhor o meio-termo.

Atravessando a sala para servir outra dose, olhou para lorde Manston e disse:

– Talvez seja melhor o senhor me contar o que aconteceu.

Depois decidiria se ia querer beber ou não.

– Pois bem. – Com um baque pesado, o pai pousou o copo na mesa. – Não sei ao certo quando se conheceram, mas Oakes sempre deixou bem claras as suas intenções. Ele estava cortejando Georgiana. Sua mãe achava que ele ia pedi-la em casamento.

Nicholas não conseguia imaginar como a mãe poderia ter se julgado capaz de ler a mente de qualquer pessoa, ainda mais de Freddie Oakes, mas ficou claro que não era o momento de fazer essa observação.

– Não sei se Georgiana teria aceitado – prosseguiu lorde Manston. – Oakes exagera no jogo... todos sabem muito bem disso... mas ele vai herdar o baronato um dia, e o tempo está passando para Georgie.

Aos 26 anos, Georgie era exatamente um ano mais nova que Nicholas, mas ele sabia muito bem que as mulheres não envelheciam como os homens, ao menos no que dizia respeito aos costumes e melindres dos círculos casamenteiros ingleses.

– Enfim – prosseguiu o pai –, lady Bridgerton e sua mãe estavam em Londres... fazendo compras talvez, eu não perguntei... e Georgiana foi com elas.

– Mas não para participar da temporada social – murmurou Nicholas.

Até onde ele sabia, Georgie nunca fora apresentada em uma temporada social londrina. Ela dissera que não queria. Ele nunca questionara. Passar uma temporada inteira como debutante parecia tão prazeroso quanto ir ao dentista, de modo que ele jamais poderia questionar essa decisão.

– Foi só uma visita – confirmou o pai. – Tenho certeza de que elas foram a um ou outro evento, nada oficial. Em todo o caso, a temporada está quase acabando. Mas Oakes foi visitá-la diversas vezes e depois levou Georgiana para sair.

Nicholas serviu a dose de conhaque e voltou a encarar o pai.

– E lady Bridgerton deu permissão?

Lorde Manston assentiu, triste.

– Tudo estava dentro dos conformes. A aia foi junto com ela. Foram a uma livraria.

– É mesmo a cara de Georgie.

O pai aquiesceu, e prosseguiu:

– Foi na saída da livraria que Oakes a sequestrou. Ou melhor, levou-a embora. Ela entrou no coche por vontade própria, pois por que não?

– Mas e a aia?

– Na hora em que ela estava prestes a entrar também, Oakes a empurrou e ela caiu no chão.

– Meu Deus, mas ela está bem? – Se tivesse batido a cabeça, poderia ser bem grave.

Lorde Manston piscou, confuso, e Nicholas se deu conta de que o pai provavelmente não tinha nem pensado em perguntar sobre o estado de saúde da criada.

– Se o senhor não ficou sabendo de nada, imagino que ela esteja bem – concluiu Nicholas.

Lorde Manston ficou em silêncio por um instante e depois disse:

– Ela já está em casa.

– Quem, Georgie?

O pai assentiu.

– Ela ficou apenas um dia ausente, mas foi o suficiente para arruiná-la.

– Mas o senhor não tinha dito que ela não foi...

Lorde Manston bateu o copo com força no aparador.

– Ela não precisa ter sido violada para ter a reputação arruinada. Por Deus, rapaz, use a cabeça! Não interessa o que ele fez ou deixou de fazer com ela. Georgie está arruinada. E todo mundo sabe disso. – Então olhou para Nicholas com uma expressão de cansaço. – Todo mundo menos você, pelo visto.

Nicholas sentiu que havia um insulto velado ali, mas decidiu ignorar.

– O senhor sabe que eu estava em Edimburgo – lembrou ele, tenso. – Não fazia ideia de nada disso.

– Eu sei. Me desculpe. É que tudo isso é muito grave. – Lorde Manston correu os dedos pelos cabelos. – Ela é minha afilhada, sabia?

– Sabia.

– Jurei protegê-la. Fiz esse juramento na igreja.

Como o pai não era um homem religioso, Nicholas não estava entendendo por que dar tanta importância ao fato de o juramento ter sido feito na igreja, mas assentiu mesmo assim. Levou o copo aos lábios, mas não bebeu, usando-o apenas para ocultar o próprio semblante enquanto analisava o pai.

Nunca o vira naquele estado. Não sabia o que pensar.

– Não posso deixar que ela tenha a reputação arruinada – afirmou o pai. – Nós não podemos deixar.

Nicholas perdeu o fôlego. Por mais que o cérebro não tivesse entendido, os pulmões pareciam já saber o que viria. A vida dele estava prestes a passar por uma virada drástica.

– Só há uma coisa a fazer – disse o pai. – Você *tem* que se casar com ela.

CAPÍTULO 2

Diante daquela declaração, algumas coisas passaram pela cabeça de Nicholas.

“O que foi que o senhor disse?”

“O senhor ficou louco?”

“Porque só pode.”

“É, com certeza o senhor está louco.”

“Espere aí, eu ouvi direito?”

Culminando em: “O SENHOR SÓ PODE ESTAR MALUCO, SÓ PODE MESMO ESTAR DE BRINCADEIRA!”

Contudo o que disse foi:

– Queira me desculpar?

– Você tem que se casar com ela – repetiu o pai.

Comprovando que, primeiro, Nicholas tinha ouvido direito e, segundo, o pai tinha mesmo perdido a razão.

Nicholas virou o resto do conhaque de uma golada só.

– Não posso me casar com Georgiana – disse ele.

– Por que não?

– Porque... porque...

Os motivos eram tantos que Nicholas não seria capaz de sintetizá-los em uma única frase.

O pai ergueu a sobrancelha.

– Você é casado com outra mulher?

– Claro que não!

– Você se *comprometeu* a se casar com outra mulher?

– Pai, pelo amor de Deus, eu...

– Então não vejo motivo para que deixe de cumprir o seu dever.

– Mas não é meu dever! – vociferou Nicholas.

Lorde Manston cravou um olhar severo no filho, e, por um instante, Nicholas voltou a ser um menino, repreendido por causa de alguma infração boba.

Mas aquilo não era nada bobo. Tratava-se de casamento. E, embora se casar com Georgiana pudesse – *talvez* – ser a coisa mais honrada a fazer, definitivamente não era *dever* dele.

– Pai – tentou ele outra vez –, não tenho condições de me casar.

– Lógico que tem. Você tem 27 anos, está bem de saúde e com pleno domínio de sua capacidade mental.

– Eu moro em um quarto de pensão em Edimburgo. Nem camareiro eu tenho.

O pai dele gesticulou brevemente com desdém.

– O que é muito fácil de remediar. Podemos comprar uma casa para você, na parte nova da cidade. Seu irmão conhece vários arquitetos que trabalharam no planejamento dessa área. Será um investimento excelente.

Por um instante, Nicholas só conseguiu encarar o pai. Ele estava mesmo falando de investimentos imobiliários?

– Pode considerar um presente de casamento.

Nicholas levou a mão à testa, pressionando-a com o polegar e o dedo médio. Precisava se concentrar. Precisava pensar. O pai continuava falando, algo sobre integridade e dever e contratos de locação com quase cem anos de duração, e a cabeça de Nicholas não parava de latejar.

– O senhor tem alguma ideia do que está envolvido no estudo da medicina? – perguntou ele, de olhos fechados. – Não tenho tempo para uma esposa.

– Não é do seu tempo que ela precisa, e sim do seu nome.

Nicholas tirou a mão do rosto. Olhou para o pai.

– O senhor está falando sério?

Lorde Manston lançou um olhar ao filho que dizia: “Você não estava escutando?”

– Não posso me casar com uma pessoa já com a intenção de ignorá-la.

– Bem, de fato espero que não seja mesmo o caso – retrucou o pai. – Estou apenas tentando deixar claro que a sua cooperação nesta questão não precisa trazer impactos negativos à sua vida agora, na encruzilhada crucial em que você se encontra.

– Um jeito muito eloquente de dizer que tenho carta branca para ser um mau marido.

– Não, foi um jeito muito eloquente de dizer que você pode se tornar o herói da vida de uma jovem.

Nicholas revirou os olhos.

– E, depois disso, um mau marido.

– Se for essa a sua vontade – disse o pai, baixinho.

Nicholas perdeu a noção de quanto tempo passou apenas olhando, incrédulo, para o pai. Quando notou que estava balançando a cabeça levemente, se obrigou a enfim desviar o olhar. Foi até a janela, usando isso como desculpa para se concentrar em outra coisa. Não queria encarar o pai naquele momento. Não queria pensar nele, muito menos na proposta descabida que lhe fizera.

Mas não fora uma proposta, fora? Fora uma ordem. O pai não perguntara: “Você poderia se casar com Georgiana?”

Ele afirmara: “Você *tem* que se casar com ela.”

Não era a mesma coisa.

– Você pode deixá-la em Kent – disse o pai, talvez depois de concluir que o silêncio já se estendera o suficiente. – Ela não precisa ir com você para Edimburgo. Na verdade, ela nem deve querer ir com você para Edimburgo. Acho que nunca esteve lá.

Nicholas se virou.

– Mas a escolha é sua, é claro – concluiu o pai. – Afinal, você é que vai fazer o sacrifício.

– É tão estranho o senhor achar que vai me convencer dessa forma – retrucou Nicholas.

Mas estava claro que falavam de coisas diferentes, porque então o pai concluiu:

– É só casamento.

Ao que Nicholas respondeu com uma risada sarcástica.

– Pois diga isso à mamãe e depois talvez o senhor me convença.

Lorde Manston estava começando a perder a paciência.

– Estamos falando de Georgiana, Nicholas. Por que você está sendo tão resistente?

– Ora essa, por que será? Vamos lá: talvez porque, após me fazer largar os estudos, atravessar dois países e, depois que eu mal tinha chegado, o senhor sequer *sugeriu* que eu pudesse ser a solução para uma situação complicada. O senhor sequer me *perguntou* o que eu achava da ideia de me casar. O senhor foi logo mandando que eu me casasse com uma mulher que é praticamente minha irmã.

– *Praticamente* irmã não é o mesmo que irmã.

Nicholas virou o rosto.

– Pare – pediu. – Por favor, pare.

– Sua mãe concorda que é a melhor solução.

– Ah, meu Deus! – Estavam mancomunados contra ele.

– É a única saída.

– Um momento – resmungou Nicholas, apertando as têmporas outra vez, a cabeça ainda latejando. – Eu só preciso de um momento.

– Nós não temos um...

– Pelo amor de Deus, será que o senhor pode ficar quieto e me dar uma porcaria de um segundo para *pensar*?

O pai arregalou os olhos e deu um passo atrás.

Nicholas olhou para as próprias mãos. Estavam trêmulas. Nunca tinha se dirigido ao pai naquele tom. Jamais teria imaginado ser possível uma coisa assim.

– Preciso de uma bebida – murmurou.

Uma bebida de verdade dessa vez. Então voltou ao aparador e encheu o copo quase até a borda.

– Passei a viagem toda da Escócia até aqui me perguntando – prosseguiu Nicholas – qual seria o motivo de uma convocação tão misteriosa e, ao mesmo tempo, impossível de ignorar. Cheguei a me perguntar se alguém tinha morrido.

– Eu jamais...

– Não – interrompeu Nicholas.

Não queria deixar o pai falar. Era o monólogo *dele*, o sarcasmo *dele*, e que Deus o ajudasse, mas ele iria levar o tempo que fosse necessário para terminar.

– Não – repetiu ele. – Não era possível que alguém tivesse morrido. Meu pai nunca escreveria um bilhete enigmático para dar uma notícia como essa. Mas o que mais poderia ser? Qual poderia ter sido o motivo para que ele me convocasse em um momento tão absurdamente inconveniente?

Lorde Manston abriu a boca, mas Nicholas só precisou olhar feio para que o pai se mantivesse calado.

– Embora *inconveniente* não chegue nem perto de fazer jus. O senhor sabia que estou em plena época de provas?

Nicholas se calou, mas a pausa foi tão curta que a pergunta foi totalmente retórica.

– Meus professores concordaram em me deixar fazer as provas quando voltar, mas é claro que tive que admitir para eles que eu não fazia *ideia* de quando seria isso. – Bebeu um bom gole do conhaque. – Isso, *sim*, foi uma conversa constrangedora. – Nicholas encarou o pai, quase como quem o desafiava a interromper. – Eles não ficaram nada satisfeitos de abrir essa exceção, mas creio que essa é uma das situações em que ser filho de um conde tem suas vantagens. Para fazer amigos não ajuda em nada, é claro. Porque ninguém quer saber de um sujeito que usa seus privilégios para escapar da época de provas. Mesmo que ele esteja disposto a fazê-las em um momento posterior e, como talvez eu já tenha mencionado, absolutamente indeterminado.

– Já pedi desculpas por ter afastado você dos estudos – falou lorde Manston, severo.

– De fato – disse Nicholas, com ar de deboche –, na sua carta muitíssimo detalhada.

O pai apenas o encarou por algum tempo, e então disse:

– Sua petulância já acabou?

– Por ora, sim. – Nicholas bebeu, e então reconsiderou; ainda tinha algo a acrescentar. – Mas preciso dizer o seguinte: de todos os cenários que se passaram na minha cabeça durante a viagem até aqui, jamais imaginei que chegaria para descobrir que fui prometido em casamento pelo meu pai.

– Prometido em casamento – repetiu lorde Manston, bufando de desconforto. – Você está parecendo uma garota.

– Pois é assim que estou me sentindo agora, e, se quer saber, não estou gostando nada, nada. – Balançou a cabeça. – Nunca senti tanto respeito pelas mulheres, tendo que aturar os homens a lhes dizerem o que fazer.

O conde deu uma risada amarga.

– Se acha que algum dia consegui mandar na sua mãe ou na sua irmã, está redondamente enganado.

Nicholas pousou o copo na mesa. Bastava. Ainda não era nem meio-dia.

– Então por que está mandando em mim?

– Porque não tenho escolha – retrucou o pai. – Georgiana precisa de você.

– Você vai sacrificar o próprio filho para beneficiar sua afilhada?

– Não é o que estou fazendo, e você sabe muito bem disso.

Mas parecia. Parecia que o pai estava elegendo um filho preferido, e esse filho não era Nicholas.

Na verdade, não era sequer um Rokesby.

Mas até mesmo Nicholas precisava admitir que a vida dos Rokesbys e dos Bridgertons estava completamente interligada. Fazia séculos que as famílias eram vizinhas, mas a geração dele tinha tornado aquele vínculo ainda mais sólido. Os maridos e as esposas eram amigos próximos e, em nome dessa amizade, uma família oferecera à outra um afilhado.

A coisa ficara ainda mais oficial quando o Rokesby primogênito se casou com a Bridgerton primogênita. E depois o terceiro Rokesby ainda se casou com uma prima dos Bridgertons de Kent.

Para falar a verdade, se alguém pegasse um barbante e a árvore genealógica das famílias, conseguiria fazer uma tremenda cama de gato incestuosa.

– Preciso pensar – falou Nicholas, pois estava claro que não havia outra coisa a dizer para deter a pressão do pai naquele momento.

– É claro – disse o pai. – Entendo que tudo isso tenha pegado você de surpresa.

O eufemismo do ano.

– Mas é uma questão urgentíssima. Você precisa se decidir até amanhã.

– *Amanhã?*

O pai teve a elegância de parecer ao menos um pouco contrariado ao dizer:

– Não há alternativa.

– Passei quase duas semanas viajando, enfrentei pelo menos seis chuvas torrenciais, abandonei os estudos, recebi a ordem de me casar com a vizinha e você não pode sequer me oferecer a cortesia de alguns dias para *pensar?*

– A questão aqui não é sobre você. É sobre Georgie.

– Como é que a questão não é sobre mim? – Nicholas quase vociferou.

– Quando se casar, você não vai nem perceber a diferença.

– Você perdeu o juízo? – Nicholas jamais usara aquele tom para se dirigir ao pai; jamais se atrevera. Mas não estava acreditando nas palavras que saíam da boca de lorde Manston.

O homem só podia ter ficado louco. Uma coisa era sugerir que se casasse com Georgiana Bridgerton; havia certa lógica quixotesca na proposta. Mas insinuar que o ato não significaria nada... que Nicholas poderia seguir com a vida como se não tivesse se casado com ela... Será que ele conhecia o próprio filho *tão* mal assim?

– Não consigo mais continuar com essa conversa.

Nicholas rumou para a porta, sentindo certa satisfação por não ter tirado as botas enlameadas.

– Nicholas!

– Não, não e não! – Nicholas se apoiou no batente da porta e respirou fundo, tentando se concentrar. Não olhou para o pai, porque corria o risco de não responder por si, mas conseguiu dizer: – Sua preocupação com sua afilhada é muito nobre, e talvez... *talvez* eu até pudesse considerar a questão caso o senhor a tivesse tratado como um pedido, não como uma ordem.

– Você está com raiva. Eu entendo.

– Acho muito difícil que entenda. O total descaso que está demonstrando com os sentimentos de seu próprio filho...

– Não é verdade – retrucou o pai. – Pode ter certeza de que estou sempre pensando no que é melhor para você. Se não deixei isso muito claro, é apenas porque a situação de Georgiana é muito preocupante, ao contrário da sua.

Nicholas engoliu em seco. Sentia cada músculo do corpo se retesar.

– Eu tive muito mais tempo para me acostumar à ideia – disse o pai, baixinho. – O tempo faz muita diferença.

Nicholas se voltou para ele.

– É isso que você quer para o seu filho? Um casamento sem amor? Sem desejo?

– É claro que não! Mas vocês já sentem muito afeto um pelo outro. E Georgiana é uma jovem excelente. Tenho plena confiança de que, com o tempo, vocês verão que são muito adequados um para o outro.

– Seus outros filhos se casaram por amor – falou Nicholas, baixinho. – Os quatro.

– E eu desejava o mesmo para você. – O pai sorriu, mas com tristeza e melancolia. – Porém não descarto que isso ainda possa acontecer.

– Eu não vou me apaixonar por Georgiana, pai. Meu Deus, se fosse para ser, o senhor não acha que já teria acontecido?

Lorde Manston abriu um sorriso bem-humorado, sem um pingão de escárnio. Mas Nicholas não queria nem saber.

– Não consigo sequer me imaginar beijando Georgiana – disse.

– Você não precisa beijá-la. Só se casar com ela.

Nicholas ficou boquiaberto.

– Não estou acreditando nisso.

– Pouquíssimos casamentos começam com paixão. – De repente, lorde Manston assumiu um tom amigável e paternal. – Sua mãe e eu...

– Eu *não* quero ouvir sobre você e mamãe.

– Não seja tão pudico – falou o pai, com certo sarcasmo.

Foi então que Nicholas teve a impressão de que aquela conversa não passava de um sonho. Pois era inconcebível qualquer cenário que envolvesse o pai compartilhando com ele detalhes íntimos de sua vida conjugal.

– Você vai ser médico – disse lorde Manston em tom seco. – E sabe muito bem que sua mãe e eu não teríamos tido cinco filhos se não...

– Pare! – Nicholas quase gritou. – Deus do céu, eu não quero nem ouvir.

O pai deu uma risadinha. Uma risadinha!

– Vou pensar a respeito – disse Nicholas, enfim, sem sequer tentar disfarçar o desgosto na voz. – Mas não posso dar essa resposta amanhã.

– Mas tem que ser amanhã.

– Pelo amor de Deus, será que dá para me ouvir?

– Não temos tempo para isso, Nicholas. A vida de Georgiana está arruinada.

A conversa não estava indo a lugar nenhum. Ele e o pai pareciam dar voltas um ao redor do outro, pisoteando o mesmo trecho de grama até só restar terra. Mas Nicholas estava exausto demais para sequer tentar quebrar esse círculo vicioso, então apenas perguntou:

– O que muda se o senhor me der alguns dias para pensar no assunto?

– Se você não se casar com ela – falou lorde Manston –, os pais dela vão encontrar quem case.

O que era uma perspectiva *pavorosa*.

– O senhor já discutiu o assunto com lorde e lady Bridgerton?

O pai hesitou, e então respondeu:

– Não.

– Vou presumir que não mentiria para mim sobre isso...

– Como se atreve a duvidar da minha honra?

– Não é da sua honra que estou duvidando, mas, a essa altura, não tenho muita certeza da sua sanidade.

O pai engoliu em seco, desconfortável.

– Eu teria apresentado a sugestão, mas não quis criar falsas esperanças caso você não a acatasse.

Cético, Nicholas encarou o pai.

– O senhor não me deixou margem para achar que *não* acatar era uma opção.

– Ambos sabemos que eu não posso forçar você a se casar com ela.

– Mas, se eu não casar, o senhor só vai ficar profundamente desapontado comigo.

O pai não disse nada.

– Acho que isso responde a minha pergunta – resmungou Nicholas.

E então caminhou de volta para o centro da sala e se deixou afundar em uma poltrona, exaurido. O que diabos ele faria? Lorde Manston devia ter notado que o filho estava no limite, pois pigarreou algumas vezes e disse:

– Acho que é melhor chamar a sua mãe.

– Chamar minha mãe para quê?

Não tinha sido a intenção de Nicholas soar tão truculento, mas, honestamente, o que a mãe poderia fazer?

– Ela sempre consegue me acalmar quando estou aborrecido. Talvez também consiga ajudar você.

– Que seja – grunhiu Nicholas, cansado demais para discutir.

Contudo lorde Manston mal fizera menção de sair quando a porta se abriu e a própria lady Manston adentrou a sala.

– Questão resolvida?

– Ele vai pensar – respondeu o marido.

– A senhora não precisava ter saído – falou Nicholas.

– Achei que seria mais fácil assim.

– Não tinha como não ser difícil.

– Acho que você tem razão. – Ela pôs a mão no ombro do filho e deu um leve aperto. – Quero que saiba que sinto muito que você esteja nesta situação.

Nicholas ofereceu a ela o mais próximo de um sorriso que conseguiu.

Lady Manston pigarreou. Foi um som esquisito.

– Também preciso informá-lo de que a família vai jantar em Aubrey Hall hoje.

– A senhora só pode estar brincando – disse Nicholas.

Aubrey Hall era a casa dos Bridgertons. *Todos* os Bridgertons estariam presentes.

A mãe respondeu com um sorriso pesaroso.

– Infelizmente não, meu filho. Já estava marcado há tempos e acabei comentando com lady Bridgerton que você estaria em casa.

Nicholas emitiu um muxoxo. Por que a mãe dele fazia essas coisas?

– Ela está muito interessada em seus estudos. Todos estão. Mas sei que você está cansado. A escolha é sua.

– Então eu não sou obrigado a ir?

A mãe abriu seu sorriso mais doce.

– Todos estarão lá.

– É claro que sim – falou Nicholas, deixando transparecer uma boa dose de amargura na voz. – Então eu não tenho escolha.

Parecia que o resto de sua vida seria exatamente assim.

CAPÍTULO 3

Georgiana Bridgerton tinha perdido muitas coisas na vida – um caderno com capa de couro do qual gostava muito, a chave da caixinha de joias da irmã, Billie, dois sapatos esquerdos –, mas a reputação era a primeira vez.

O que vinha se mostrando muito mais difícil de remediar do que a perda do caderno.

Ou dos sapatos.

A caixa de joias ela resolvera com a ajuda de um martelo, e embora a carnificina que se seguira não tivesse deixado ninguém feliz, pelo menos a pulseira de esmeraldas fora recuperada.

Para nunca mais ser emprestada, mas Georgie merecera.

Uma reputação, por sua vez...

Reputações são coisas frágeis, escorregadias, indiferentes a qualquer tentativa de conserto ou recuperação, e de nada adiantava que Georgiana não tivesse NADA A VER com a referida perda. A sociedade era cruel com mulheres que quebravam as regras.

Cruel com as mulheres e ponto final.

Georgie olhou para os seus três gatos ao pé da cama: Judite, Blanche e Gatonildo.

– Não é justo – lamentou.

Judite pôs a pata cinza-prateada no tornozelo de Georgie, o máximo de compaixão que se podia esperar do felino mais avoado dos três.

– Não foi culpa minha.

Não era a primeira vez que dizia essas quatro palavras, nessa mesma ordem.

– Eu nunca disse que me casaria com ele.

Nem essas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma noiva rebelde"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).